



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

Empreendedorismo e Formação Profissional: Intenção Empreendedora dos formandos no Modatex

Sara Raquel Vicente Silva

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Empreendedorismo e Criação de Empresas
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof^a Doutora Maria José Madeira

Covilhã, Setembro de 2014

Agradecimentos

As palavras parecem ser insuficientes quando nos propomos a descrever com elas o que nos vai na alma... São várias as pessoas a quem quero remeter a minha gratidão por mais uma etapa cumprida.

Pelo apoio, orientação, disponibilidade, pela motivação que me incutiu, por acreditar neste projeto desde o primeiro momento e por toda a compreensão, agradeço à minha orientadora, Prof. Doutora Maria José Madeira e pela disponibilidade, pela simpatia e abertura, agradeço aos elementos e direção do Centro de Formação Profissional Modatex - Centro de Formação Profissional para a Indústria Têxtil, Vestuário, Confeção e Lanifícios, à Dr.^a Sónia Pinto, à Eng^a Carla Azevedo e Eng^a Susana Batista.

Às minhas amigas e colegas, Telma, Ana Paula, Elsa, Andrea, Sónia e Susana entre outros que não menciono o nome mas que sabem quem são, amigos que estiveram ao meu lado durante esta fase, pelo companheirismo, força e apoio em certos momentos difíceis.

Pela paciência, por, para além da vida, me terem dado um amor imensurável reflectido no, carinho, atenção e apoio incondicional, agradeço às duas melhores pessoas que conheci na vida. Exemplo não apenas enquanto pais, mas de carácter, luta, sacrifício e força. A eles dedico este trabalho!

Resumo:

Nos últimos tempos, em Portugal, o empreendedorismo apresenta-se cada vez mais como uma das possíveis vias de acesso ao mercado de trabalho, podendo mesmo constituir uma opção alternativa de inserção profissional, para a população em geral. A salvação passa a ser a empregabilidade, sendo a educação para o empreendedorismo apontada como uma das áreas chave para fazer com que todos descubram potencialidades inovadoras e criativas despertando a intenção empreendedora.

A investigação baseia-se num estudo de caso, essencialmente descritivo e analítico que se centrou em explorar o tema “Intenção Empreendedora dos Formandos no Modatex”.

A presente dissertação procura através da revisão de literatura, fazer uma explanação sobre o tema empreendedorismo, o perfil do empreendedor, intenção empreendedora, a educação para o empreendedorismo, bem como os fatores comportamentais dos empreendedores e o empreendedorismo no contexto da formação profissional em Portugal.

Com base na fundamentação teórica, formulou-se as hipóteses a serem testadas, no estudo empírico. A análise estatística foi efetuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20.0 para *Windows* e *Microsoft Office Excel 2010* para *Windows*.

Os resultados obtidos mostram que os formandos que consideram ter uma maior capacidade de liderança e de comunicação manifestam uma maior intenção empreendedora. Os resultados também evidenciam que os formandos que apresentam uma maior auto-eficácia são também os que manifestam uma maior intenção empreendedora.

Os resultados disponíveis permitem ainda concluir que os formandos revelam alguma intenção empreendedora, pelo que se revela urgente, pela dimensão social e económica de se estimular e desenvolver nos formandos comportamentos empreendedores. Os resultados obtidos permitem evidenciar a necessidade de promover a educação para o empreendedorismo através do sistema de ensino profissional. As atuações a levar a cabo pelo sistema de ensino profissional deverão ser impulsionadas pelo Ministério da Educação e da Ciência e da Agência Nacional para a Qualificação e Ensino Profissional e, ainda, por outros agentes públicos e privados, responsáveis pelo fomento do empreendedorismo.

Palavras-chave:

Empreendedorismo, Formação Profissional, Intenção Empreendedora e Educação para o Empreendedorismo.

Abstract:

In recent times, in Portugal, entrepreneurship presents itself more and more as one of the possible access ways to the labour market, being even an alternative option for the general population. Employability becomes a salvation, being the entrepreneurship education one of the key areas to make people find out innovative and creative potentialities and awake the entrepreneurial intention.

The investigation is based on a case study, essentially descriptive and analytical that focused on exploring the theme "Entrepreneurial Intention of Trainees in Modatex".

Through the literature review, the present dissertation intends to make an explanation on the topic of entrepreneurship, entrepreneurial profile, entrepreneurial intention, the entrepreneurship education, as well as on the behavioural factors of entrepreneurs and entrepreneurship in the context of vocational training in Portugal.

Based on the theoretical foundation, the hypotheses to be tested in the empirical study were formulated. Statistical analysis was performed with the SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) 20.0 version for Windows and Microsoft Office Excel 2010 for Windows. The results obtained show that the trainees that consider having greater leadership and communication capacities demonstrate greater entrepreneurial intention. The results also show that trainees who exhibit a greater self-efficacy also show greater entrepreneurial intention.

The available results also allow lead us to conclude that the trainees reveal some entrepreneurial intention, and that is why it is urgent, by its social and economic dimension, to stimulate and develop the trainees' entrepreneurs behaviours. The results obtained allow us to highlight the need to promote entrepreneurship education through the vocational education system. The actions to be carried out by the professional education system must be led by the Department of education and science and by the National Agency for Qualification and Professional Education and also by other public and private agents, responsible for the promotion of entrepreneurship.

Key words:

Entrepreneurship, Vocational Training, Education and Entrepreneurial Intention for Entrepreneurship.

Índice

1.	Introdução.....	1
1.1.	Enquadramento do Problema.....	1
1.2.	Importância / justificação do Tema.....	2
1.3.	Objetivos e Questões de Investigação	3
1.3.1.	Objetivo Geral	3
1.3.2.	Objetivo Específico.....	3
1.4.	Estrutura da dissertação	4
2	Revisão da Literatura.....	5
2.1	Mercado de trabalho e a crescente importância do empreendedorismo	5
2.2	O Empreendedorismo e o Empreendedor	6
2.3	Intenção empreendedora	8
2.4	Educação para o Empreendedorismo.....	9
2.5	Características comportamentais do empreendedor	10
2.6	O Empreendedorismo no contexto da Formação Profissional em Portugal.....	12
3	Metodologia de Investigação	15
3.1	População, amostra e unidade de análise.....	15
3.2	Método de recolha e análise de dados.....	15
4	Análise e discussão dos Resultados.....	17
4.1	Caracterização da amostra	17
4.2	Análise de dados e de resultados	18
5	Considerações finais, limitações e sugestões para futuras linhas de investigação.....	33
	Bibliografia	35

Índice de Figuras

	Pág.
Figura 1: Idade	17
Figura 2: Género	18
Figura 3: Considerou a hipótese de se tornar empreendedor	22

Índice de Tabelas

	Pág.
Tabela 1: Atração pelas opções Profissionais	18
Tabela 2: Atração pelas opções Profissionais - Concordância / Discordância	19
Tabela 3: Valorização pessoal do Empreendedor	19
Tabela 4: Valorização pessoal do Empreendedor - Concordância / Discordância	20
Tabela 5: Capacidades/ Competências Específicas	20
Tabela 6: Capacidades/ Competências Específicas - Concordância/ Discordância	21
Tabela 7: Conhecimento de algum Empreendedor	23
Tabela 8: Conhecimento de algum Empreendedor - Concordância / Discordância	24
Tabela 9: Motivações Pessoais	25
Tabela 10: Motivações Pessoais - Concordância / Discordância	25
Tabela 11: Intenção Empreendedora	26
Tabela 12: Intenção Empreendedora - Concordância /Discordância	27
Tabela 13: Conhecimentos sobre os Apoios	27
Tabela 14: Conhecimento sobre os Apoios - Concordância / Discordância	28
Tabela 15: Conhecimentos sobre os Apoios - Por Género	28
Tabela 16: Correlação de <i>Sperman</i> Capacidades/ Competências Específicas e Intenção Empreendedora	31
Tabela 17: Correlação de <i>Sperman</i> Auto-Eficácia Intenção Empreendedora	32

Lista de Acrónimos

ANQEP - Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional

COM - Comissão das Comunidades Europeias

FCT - Formação em Contexto de Trabalho

INE- Instituto Nacional de Estatística

GEM - Global Entrepreneurship Monitor

MODATEX - Centro De Formação Profissional para a Indústria de Têxtil, Vestuário
Confeção e Lanifícios

1. Introdução

1.1. Enquadramento do Problema

Na atualidade, constatam-se mudanças sociais, culturais e económicas, sendo o emprego¹ cada vez mais escasso e insuficiente para oferecer ocupação a todos os que ingressam no mercado de trabalho. Estas transformações que ocorrem sociedade actual atingem todos os sectores, inclusive o da educação, o qual deverá repensar e adaptar-se a uma nova realidade.

Schultz (1960) defende o poder da educação e desenvolve a ideia do investimento no ser humano gerando o capital humano, salientando que a educação é predominantemente uma actividade de investimento realizado, para o fim de aquisição de capacitações que oferece satisfações futuras ou que incrementa rendimentos futuros da pessoa como um agente produtivo (Ioschpe, 2004). Neste cenário, um dos maiores desafios da formação profissional é o de preparar pessoas para um mercado de trabalho radicalmente novo, facultando informações, conhecimentos, competências e qualificações visando o desenvolvimento da capacidade empreendedora.

Apesar do aumento do desemprego em ativos com níveis de habilitação mais elevadas a maior percentagem de desemprego concentra-se em segmentos com baixas qualificações². O desemprego de longa duração, afecta actualmente mais de metade da população desempregada, a severidade do desemprego (medida pela duração média do mesmo) tende a diminuir à medida que aumenta o nível de qualificação dos desempregados.³

A promoção do empreendedorismo e inovação será uma das soluções apontadas para combater a taxa de desemprego em Portugal, encarando-se não como uma opção, mas como uma necessidade primordial (Sarkar,2007).

¹ Segundo dados do INE, no 4º trimestre de 2013 a taxa de desemprego situava-se nos 15.3% (<http://ine.pt> acedido em 24/03/2014)

² Em julho de 2013, 67% dos desempregados inscritos nos serviços de emprego tinham no máximo o 3º ciclo do ensino básico, um terço dos quais tinham como escolaridade máxima o 1º ciclo do ensino básico.

³ O tempo médio de desemprego inscrito no IEFP, I.P. dos desempregados com qualificações de nível superior situava-se em 9 meses no final de 2012, sendo esse valor cerca do dobro nos desempregados com qualificações iguais ou inferiores ao 1º ciclo do ensino básico e varia entre 13 e 14 meses nos desempregados até ao 3º ciclo do ensino básico.
<http://www.portugal.gov.pt/media/1489775/20140730%20Acordo%20Parceria%20UE.pdf> (Acordo de Parceria Portugal, 2014 - 2020) acedido em 15/05/2014

O conceito de empreendedorismo com base no Global Entrepreneurship Monitor⁴, que o define como “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou nova iniciativa, tal como emprego próprio, uma nova organização empresarial ou a expansão de um negócio existente, por parte de um indivíduo, de uma equipa de indivíduos, ou de negócios estabelecidos”(GEM, 2012).

Apesar avanços registados ao nível dos processos formativos, os dados apresentados no Eurobarómetro do Empreendedorismo ⁵(2012) não favorecem os europeus no que diz respeito ao espírito empreendedor. Assim, um dos principais desafios que se colocam à União Europeia (UE) e aos seus Estados-membro é a necessidade de estimular o empreendedorismo. Esse foi um dos objectivos estabelecidos no quadro da Estratégia de Lisboa, com vista a melhorar a performance em termos de emprego, reforma económica e coesão social no seio da UE. Desde então, a Comissão Europeia tem vindo a adoptar uma estratégia mais sistemática de educação para o empreendedorismo. Essa intenção torna-se mais evidente na comunicação intitulada “Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem”, publicada em 2006, em que se manifesta a necessidade de criar na sociedade europeia um ambiente mais favorável ao empreendedorismo (Comissão das Comunidades Europeias, 2006).

Nesta investigação pretende-se abordar o fenómeno do empreendedorismo, visando analisar a intenção empreendedora dos formandos com a formação profissional. Cada vez mais se exige programas de formação profissional como proposta de formação de uma nova mentalidade que procure alternativas de sustentabilidade e de desenvolvimento da capacidade de empregabilidade.

1.2. Importância / justificação do Tema

A Formação Profissional alcança, nos dias de hoje, um papel de grande relevância num novo modelo de desenvolvimento, menos centrado na administração de recursos físicos e materiais mas mais direccionados para a valorização dos recursos humanos. (Espinhanço,1996).

A escolha do tema formação profissional e empreendedorismo para este trabalho, prende-se fundamentalmente com a diminuição do emprego tradicional, e procura-se analisar novas formas de emprego, passando pela criação do próprio emprego e perceber a importância da formação profissional como sendo elemento catalisador do auto emprego.

⁴ GEM, (2012), The global Entrepreneurship Monitor - Projecto GEM Portugal 2012. Acedido a 17/05/2014, em http://www2.spi.pt/gem/docs/RelatorioIntercalar1_GEM.pdf

⁵ Eurobarómetro do Empreendedorismo (2012) disponível em: <http://ec.europa.eu/enterprise/policies/sme/facts-figures-analysis/eurobarometer/>acedido 21/05/2014

Ao nível europeu, o empreendedorismo ingressou nas agendas políticas dos diversos países. A Comissão Europeia fez dele um dos principais indicadores de reforço da competitividade, nacional até local, onde se vêm afirmando, cada vez mais, políticas que visam premiar a iniciativa empresarial, a inovação e a criação de riqueza (COM, 2006)

Assim, pertinência deste tema justifica-se pelas inúmeras vantagens associadas ao empreendedorismo, à criação de novas empresas, novos empregos. O empreendedorismo constitui um forte impulsionador do emprego e do crescimento económico sendo um conceito chave numa economia de mercado globalizado (GEM,2012). Assim torna-se essencial avançar com projectos de promoção ao empreendedorismo estimulando a criatividade e inovação.

Neste sentido, esta investigação visa contribuir para o conhecimento das necessidades de formação, apoio, promoção do ensino do empreendedorismo.

1.3. Objetivos e Questões de Investigação

Portugal apresenta uma das mais baixas taxas de actividade empreendedora da União Europeia e do conjunto dos países estudados, no entanto, mesmo com o agravar da situação económica, financeira e social, a actividade empreendedora não diminuiu (GEM, 2012). Estudos realizados na Europa referem que a sociedade tem de valorizar o empreendedorismo, tendo em conta que pode ocorrer em qualquer sector, não se restringindo a áreas específicas (COM, 2006).

A verdade é que, muitas vezes, mesmo sem haver uma formação específica orientada para o empreendedorismo durante o período da formação profissional, surgem empreendedores nas mais diversas áreas de actividade. Pode, por conseguinte, estudar-se em que medida a formação proporcionada contribui para desenvolver o empreendedorismo, mesmo na ausência de propostas curriculares explícitas e formalmente orientadas nesse sentido. Neste caso, as questões de investigação centram-se no papel da formação profissional para desenvolver a intenção empreendedora.

1.3.1. Objetivo Geral

Analisar a importância do empreendedorismo no actual contexto de formação profissional, bem como analisar de que forma as características comportamentais, a formação e a educação para o empreendedorismo influenciam a intenção empreendedora dos formandos.

1.3.2. Objetivo Específico

Os formandos têm intenção empreendedora? A formação profissional influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos? A educação para o empreendedorismo influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos? As capacidades/competências

influenciam a intenção empreendedora? Há orientação ao nível dos conteúdos na formação profissional no sentido de promover a intenção empreendedora dos formandos?

1.4. Estrutura da dissertação

No que se refere à organização do presente trabalho, este apresenta-se constituído por cinco capítulos, a bibliografia e os anexos.

No primeiro capítulo, apresentam-se os aspectos introdutórios relativamente à contextualização e razão da escolha do tema, os objectivos, bem como, a estrutura do trabalho.

No segundo capítulo é apresentada a fundamentação teórica, tendo como ponto de partida a evolução do mercado de trabalho, ao longo dos tempos inserido na dinâmica das mudanças estruturais associadas a vários modelos de trabalhador. Numa lógica de continuidade são apresentadas algumas abordagens sobre o empreendedorismo e o empreendedor, suas características, a intenção empreendedora, os fatores comportamentais que influenciam a intenção empreendedora; a educação para o empreendedorismo e o empreendedorismo no contexto da formação profissional em Portugal.

Segue-se o terceiro capítulo, com a apresentação em detalhe dos procedimentos metodológicos adoptados.

O quarto capítulo é composto pela Análise e discussão dos resultados. Finaliza-se o trabalho com o capítulo 5, onde se apresentam as principais conclusões, cita-se as limitações encontradas neste trabalho e sugere-se futuras linhas de investigação a partir do que foi alcançado neste trabalho. Por fim, apresentam-se a bibliografia, contendo todos os autores utilizados e citados ao longo do trabalho, seguido dos anexos, contendo o questionário utilizado.

2 Revisão da Literatura

2.1 Mercado de trabalho e a crescente importância do empreendedorismo

Segundo Mèda (1999) a revolução industrial fez do trabalho uma actividade exterior ao homem, coagida, opressiva, ao mesmo tempo, igualou-o a trabalho produtivo. Na segunda metade do século XX, ainda que permanecendo uma categoria essencialmente económica, o trabalho passou, por via do modelo de regulação fordista, a ser também sinónimo de emprego (cf. e.g. Castel, 1995; Grozelier, 1998; Méda, 2001). A actividade laboral permitia que os indivíduos partilhassem do sentimento de integração na sociedade ("laço social"), num quadro em que os salários e a segurança material eram vistos como um instrumento central do bem-estar social, que a participação individual na actividade económica se vinculava a um sentimento de utilidade (contributo individual para o crescimento económico) e, também, à possibilidade de beneficiar de direitos e de segurança social.

Segundo Dolabela (1999), o modelo dirigido à criação de empregados para as grandes empresas esgotou-se diante das profundas alterações nas relações de trabalho e na produção e, ao ter o seu eixo deslocado para pequenos negócios, as sociedades vêem-se induzidas agora a formar empregadores, pessoas com uma nova atitude diante do trabalho e com uma nova visão do mundo.

Os principais motivos que contribuíram para estas alterações estruturais foram: a "globalização da economia com a preponderância do capital financeiro, a difusão das tecnologias de informação e comunicação, a nova divisão internacional de trabalho, a preponderância da política económica neoliberal e a reestruturação das empresas na lógica da racionalização flexível, bem como o desequilíbrio de forças no mercado de trabalho e nas relações laborais" (Kovács et al.,2006:32).

Segundo (Morais et al., 2010), as estruturas do mercado de trabalho enfrentaram também grandes transformações - do lado da procura de trabalho regista-se um aumento do desemprego, simultaneamente com um aumento do nível médio de formação, e, do lado da oferta, os empregadores direccionam-se no sentido da flexibilização laboral assistida por uma maior exigência de qualificação e de competências. Nasce, assim, a empresa flexível, na qual as relações salariais também se flexibilizam quer qualitativa, quer quantitativamente e em que um dos seus principais reflexos consiste na expansão das situações laborais instáveis e inseguras, ou seja, no aumento do número de trabalhadores com vínculos contratuais a prazo.

“A ênfase no empreendedorismo surge muito mais como consequência das mudanças tecnológicas e sua rapidez, e não é apenas um modismo. A competição na economia também força novos empresários a adoptar paradigmas diferentes.” (Dornelas, 2001:20). É nesse novo cenário sócio-económico, em que o tema empreendedorismo tem suscitado largo interesse e tem vindo a fomentar discussões no mundo.

2.2 O Empreendedorismo e o Empreendedor

A literatura em empreendedorismo abrange muitas correntes e diferentes escolas de pensamento sobre o comportamento empreendedor em diversas épocas. O conceito de empreendedorismo existe há bastante tempo, tem sido utilizado com diferentes significados e actualmente não se pode dizer que exista uma definição unânime e consensual, contudo, um dos aspectos que à partida é consensual é a relação do empreendedorismo com a criação de empresas e com aspectos inovadores (Sarkar, 2007).

Na área da economia, destacou-se Schumpeter com a publicação da obra *Teoria do Desenvolvimento Económico*, em 1912. Nesta obra, o economista realça o espírito inovador como a chave do empreendedorismo. Segundo este, o empreendedorismo surge como uma atividade inovadora que permite novas combinações, tais como: (1) a introdução de novos bens, ou nova qualidade dos bens; (2) a introdução de novos métodos de produção; (3) a abertura de novos mercados; (4) a conquista de novas fontes de fornecimento de matérias-primas ou de bens semi-acabados e a construção de novas organizações em qualquer indústria (Faria, 2006).

Bygrave (1993), reforça a definição apresentada por Schumpeter. Para este autor, um empreendedor é um indivíduo que leva a cabo combinações novas, enquanto causa descontinuidade. O indivíduo pode ser um assalariado dentro de uma organização existente ou pode começar um negócio novo. Um administrador que gere um negócio existente em continuidade, não causa descontinuidade, não é um empreendedor.

Para Andrestsch e Keilbach (2004), definir empreendedorismo implica considerar dois critérios: o primeiro, traduz-se no estado do conhecimento e na capacidade dos indivíduos reconhecerem as oportunidades económicas existentes no mercado, que podem ser concretizadas com a criação de uma nova empresa; o segundo traduz-se no comportamento económico e na criação da nova empresa, de forma a agregar o valor económico ao conhecimento.

Assim, para Fillion (1999), o empreendedor é um indivíduo dotado de imaginação e criatividade, que se destaca pela sua capacidade de estabelecer objetivos e sua determinação

para atingi-los. É uma pessoa consciente do ambiente em que vive, com grande capacidade para detectar oportunidades, assume riscos moderados, procura minimizar as incertezas relacionadas aos seus negócios e busca, constantemente, informações sobre o seu empreendimento. Através de um estudo contínuo sobre seu contexto empresarial, vislumbram oportunidades de negócios, e ações capazes de explorar tais alternativas, esses indivíduos conseguirão manter seu papel de empreendedor.

O empreendedorismo foi ainda compreendido como um processo gerador de riqueza consequente de se assumir riscos inerentes às obrigações das carreiras dos indivíduos, do dispêndio do tempo ou do valor acrescentado a alguns produtos e/ou serviços (Faria, 2006).

Para Sarkar (2007), deve-se reconhecer como empreendedor um indivíduo que se estabelece por conta própria, implica aceitar o empreendedorismo por necessidade. No entanto, é possível distinguir o empreendedor-inovador através da conjugação dos seguintes critérios: forte desejo de sucesso, capacidade de trabalhar arduamente, criatividade, capacidade de criar uma equipa de sucesso e pensamento próprio.

Para Drucker (1985), o empreendedor é aquele que cria algo novo. É aquele que muda ou transforma valores e, ainda, pratica constantemente a inovação criando oportunidades e investigando fontes de inovação. Drucker acrescenta que o empreendedorismo, para além de exigir atenção especial às oportunidades, exige conhecimento do negócio, produtos, mercados, clientes e tecnologias.

De acordo com Virtanen (1997) o empreendedorismo é um processo dinâmico, onde o objectivo primordial é gerar valor no mercado, pela exploração das inovações económicas.

Os empreendedores são pessoas muito determinadas, que anseiam por conquistar novos espaços, desenvolver novos produtos e criar novos procedimentos, desejam o sucesso e o poder. São apaixonadas pelo que fazem e utilizam sua criatividade, suas habilidades gerenciais e seus conhecimentos com o intuito de descobrir novas formas de inovar capazes de trazer vantagens competitivas a seu negócio (Dornelas, 2003). Neste sentido, é possível treinar diferentes dimensões e atitudes empreendedoras, entende-se que o empreendedorismo pode ser promovido através de uma cultura empreendedora, desempenhando a educação um papel fundamental (Naia:2009)

Estudos preconizados por Baron e Shane (2008) explicam que o empreendedorismo deve ser visto como um processo e não como um evento isolado, identificando as seguintes etapas; reconhecer oportunidades (capacidade de criar algo novo), decidir avançar e reunir recursos necessários, prosseguir com o empreendimento, gerir e desenvolver o empreendimento tornando-o num negócio rentável, colher recompensas do investimento realizado e,

eventualmente ponderar estratégias de saída, transferindo o empreendimento para outras pessoas.

Para Wennekers e Thurik (1999), o processo de empreendedorismo não é influenciado pelo grau de incerteza ou pelos obstáculos que poderão surgir no seu decurso. O empreendedorismo depende da vontade e aptidão dos indivíduos de, individualmente ou em conjunto, dentro ou fora das organizações existentes, detectarem e explorarem novas oportunidades económicas, desenvolvendo as suas ideias e difundindo-as no mercado.

De acordo com Grebel et al. (2003), a ideia de que o empreendedorismo desempenha um papel fundamental na criação de novos empregos, na divulgação de novas tecnologias e na competitividade internacional é corroborada pelos economistas. O empreendedorismo concorre, de forma determinante, para a união entre sistemas tecnológicos e para a exploração de oportunidades de negócio latentes no mercado.

Apesar da diversidade de abordagens sobre o empreendedor e o empreendedorismo, praticamente todos os autores são unânimes em referir a sua importância no desenvolvimento dos indivíduos, das empresas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da sociedade.

2.3 Intenção empreendedora

Krueger, Reilly e Carsrud (2000) apontam que a decisão de se tornar empreendedor é voluntária e consciente, sendo também uma decisão planeada, portanto passível de ser entendida por modelos de intenção.

Thompson (2009) aponta a intenção empreendedora como um dos conceitos mais utilizados na pesquisa sobre o empreendedorismo. Liñán e Chen (2009) explicam que a intenção empreendedora é o passo inicial para o processo de constituição de uma empresa.

Neste sentido, Krueger et al (2000) afirmam que a decisão de se tornar empreendedor não é necessariamente tomada após a descoberta de uma oportunidade, pois também pode ocorrer anteriormente, isto é, o indivíduo pode ter o propósito de se tornar um empreendedor e partir desta decisão buscar oportunidades disponíveis.

Thompson (2009) explica que não há uma abordagem uniforme para definir e mensurar a intenção empreendedora, pois o termo tem sido empregue para alcançar uma série de conceitos próximos semanticamente, mas diversos, tais como: orientação de carreira, aspirações vocacionais, novos empreendedores, possibilidades de possuir auto emprego e também o desejo de ter um negócio próprio. Este autor, analisa a intenção empreendedora como uma convicção própria de um indivíduo de que possui a intenção de abrir um novo

negócio, que planeia conscientemente em algum momento no futuro ter uma empresa, podendo ser algo iminente ou indeterminado, ou mesmo nunca acontecer devido a uma série de fatores ambientais e acontecimentos pessoais. Assim a intenção empreendedora pode ser entendida como um contínuo que contempla desde indivíduos que meramente possuem disposições empreendedoras até os que têm executado ações no sentido de abrir sua empresa, como pesquisas, busca de informações, confecção de planos e projectos, que em pouco tempo irão iniciar um empreendimento.

2.4 Educação para o Empreendedorismo

O empreendedorismo é apontado como tendo um papel fulcral na Economia (Schumpeter in Matlay, 2005) e entendendo-se que pode ser ensinado, então a educação para o empreendedorismo pode dotar competências necessárias no mercado de trabalho.

A percepção de como o empreendedorismo acontece e como pode ser ensinado é relevante para que os indivíduos possam aumentar suas oportunidades de identificar e explorar oportunidades, bem como para o desenvolvimento de uma cultura favorável ao empreendedorismo (Neck & Greene, 2011).

Para Raposo e Paço (2011) existem várias políticas que podem afetar o nível da atividade empreendedora, através de políticas diretas, como políticas e restrições de concorrência, ou de forma indireta através do sistema de educação. Assim, o papel da educação centra-se no objetivo de promover oportunidades equivalentes no acesso ao mercado de trabalho, potenciando o crescimento económico e o desenvolvimento através do fornecimento de mão-de-obra qualificada (Anselm, 1993).

A educação tem um papel muito relevante nos indivíduos, dando-lhes independência, autoconfiança, consciência das alternativas de carreira, alargando os seus horizontes. (Raposo e Paço, 2011)

Muitos autores destacam as diferenças entre a educação tradicional e a educação do empreendedorismo. (Raposo e Paço, 2011) citando Hansermark mostra que existem estes dois sistemas afirmando que o tradicional se foca no desenvolvimento de conhecimentos e competências enquanto que a educação para o empreendedorismo procura mudar atitudes e motivações.

Verheul et al (2001:34) distingue educação para o empreendedorismo da educação em geral, defendendo que a educação para o empreendedorismo centra-se na promoção do

empreendedorismo e estimula as competências e os conhecimentos para o alcançar. Assim a educação para o empreendedorismo influencia o comportamento do empreendedor.

A educação para o empreendedorismo não é apenas relevante para a formação de empreendedores, segundo a Comissão das Comunidades Europeias (2006), a educação para o empreendedorismo desenvolve a criatividade, inovação e tolerância ao risco, bem como a capacidade de planejar e gerir projetos para atingir objetivos. E estas competências são importantes no contexto atual das empresas, mesmo na perspectiva de um trabalhador.

Anselm (1993) salienta a importância do empreendedorismo na criação de emprego e a necessidade de criação de disciplinas e programas em áreas de inovação tecnológica e empreendedorismo, destacando a importância do desenvolvimento de competências e conhecimento na população de forma a utilizar esses recursos na economia.

A partir desta revisão da literatura, a respeito da educação para o empreendedorismo, é formulada a primeira hipótese do trabalho:

H1: A educação para o empreendedorismo influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos.

2.5 Características comportamentais do empreendedor

O empreendedor é definido como um ator com visão, imprevisível mas dinâmico e com predisposição para o risco (Anselm, 1993), com capacidade de construção de uma equipa empreendedora, com capacidades para gestão de recursos, com competências para desenhar um plano de negócios robusto, com visão para identificação de oportunidades (Kuratko, 2003), com necessidade de realização e controlo e desejo de autonomia (Adcroft et al., 2004).

Para Fischer, Nodari e Feger (2008, p.39) “a discussão em torno do empreendedorismo é ampla, contando atualmente com estudos e publicações apontam como atitudes empreendedoras, aquelas desenvolvidas por pessoas que se destacam, principalmente, por sua iniciativa, persistência e otimismo, ou seja, variáveis comportamentais de indivíduos empreendedores.”

O empreendedor é ainda descrito como alguém isolado que trabalha sozinho ou com poucas pessoas, em ambientes de elevada incerteza, e durante muitas horas, estando sujeito a severas exigências psicológicas e sendo alguém especializado numa área específica, tendo

muitas vezes falhas de formação em áreas essenciais para a implementação e gestão de um negócio (Curran e Stanworth, 1989).

Segundo Dalmoro (2008, p.61), “pode-se afirmar que há um perfil comportamental típico dos empreendedores, que facilita a obtenção de sucesso quando há iniciativa para começar um empreendimento”.

Kirzner (1973) já havia defendido que os empreendedores estão alerta para as oportunidades de negócio lucrativas e utilizam a informação de que dispõem para formar juízos sobre a utilização mais eficiente dos recursos que têm à sua disposição. Bygrave (2004, p. 10) “ênfatiza esta ideia realçando que o empreendedor no seu negócio a partir de uma oportunidade recorrendo a atividades e ações associadas à percepção da oportunidade”. o empreendedor é um inovador com iniciativa que busca, constantemente, oportunidades para poder realizar negócios. O empreendedor necessita de ser criativo, não somente quando abre uma empresa, mas durante toda a sua existência (Muniz,2008).

Connell (1999) aponta quatro características essenciais: coordenação, arbitragem, inovação e tolerância à incerteza. Para o autor, e baseando-se em Jean- Baptiste Say, o empreendedor é um coordenador por ser alguém que combina os recursos produtivos diferentes produtores e a relação entre produtor e consumidor. É apontado como alguém com capacidade de arbitragem porque percebe oportunidade de lucros e atua perante elas. O empreendedor é também caracterizado como alguém inovador, baseando-se na definição de empreendedor de Schumpeter. Finalmente, o empreendedor é tolerante à incerteza, sendo especulador, dono e tomador de decisões. Hisrich et al (2005) aponta o empreendedor como um indivíduo criativo, dedicado, determinado, com capacidade de adaptação, liderança, paixão e auto-confiança. Assim a partir dessa premissa, é formulada a segunda hipótese:

H2: Os formandos reconhecem ter capacidades/ competências que impulsionem a intenção empreendedora.

Ainda a respeito das motivações empreendedoras, Bandura (1977) refere-se à auto-eficácia, como a crença nas próprias capacidades para organizar e executar tarefas necessárias para controlar ações com potencial futuro.

Para Baum e Locke (2004), a auto -eficácia é fundamental para o empreendedor porque este deve estar confiante na sua capacidade para desempenhar com sucesso diversas acções e antecipar estratégias em situações de incerteza. Portanto a partir dessa premissa, é formulada a terceira hipótese:

H3: A auto-eficácia influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos.

2.6 O Empreendedorismo no contexto da Formação Profissional em Portugal

De facto, Silva, Correia, Scholten e Gomes (2008, p. 71) mencionam que “Portugal não é uma nação de empreendedores, (...) a cultura portuguesa, é fortemente influenciada pelo medo de falhar”. O peso cultural da aversão ao risco, o medo social da falência e a recusa no desenvolvimento de carreiras pessoais independentes, impõe-se. A independência e risco não são valores dominantes na cultura portuguesa, sendo porém importantes para a decisão e empenho em iniciativas empreendedoras (Silva et al., 2008). Muitas vezes, a motivação para empreender é mais forte que a capacidade necessária para conduzir um negócio sendo que a atitude relacionada com a autoavaliação (autoestima) faz com que muitos desistam da iniciativa mesmo antes desta ter sido efetivamente levada à prática (Silva et al., 2008),

Leite e Oliveira (2007) afirmam que apesar das dificuldades e do facto de Portugal, se encontrar na cauda do nível de desenvolvimento em empreendedorismo pelo fato de ainda existirem obstáculos culturais relacionados com questões de educação e de aversão ao risco, há uma melhoria gradual nas condições para o desenvolvimento do empreendedorismo.

Acerca da educação e a formação mereceram desde sempre, especial análise e investigação por muitos investigadores, que seguiram e dedicaram parte da sua vida à necessidade da pedagogia, alicerçada numa linha de raciocínio lógico e dedutivo, para uma sociedade regida essencialmente por valores morais, traços e características multiculturais (Chateau, 1980).

A formação profissional, segundo Cardim (1998), constituiu um factor de desenvolvimento e também desempenha um papel preponderante na adaptação das empresas num contexto de grandes mudanças.

Chiavenato (2009:288) define formação profissional como sendo “um processo educacional, aplicado de maneira sistemática e organizada, através do qual as pessoas aprendem conhecimentos, atitudes e habilidades em função dos objectivos definidos”. Pode-se considerar a formação como um instrumento de mudança, uma vez que facilita a alteração de comportamentos, o desenvolvimento de competências, e proporciona a aquisição de qualificações profissionais.

No acordo de parceria Portugal 2020 é destacada a relevância da formação profissional tendo em vista diferentes finalidades de política pública (qualificação escolar e profissional, produtividade, empregabilidade e inclusão social, num contexto de desenvolvimento pessoal

e de reforço da cidadania). Este modelo pressupõe uma forte coordenação e articulação política e institucional.

Assim, o investimento na educação, na formação e na formação profissional para a aquisição de competências e a aprendizagem ao longo da vida, quer enquanto parte integrante da formação inicial de jovens, sobretudo em ofertas formativas de cariz profissionalizante, quer enquanto vertente essencial de processos de aprendizagem ao longo da vida de adultos.

A formação profissional é uma das dimensões essenciais das políticas de ativação de desempregados e da melhoria da sua empregabilidade, bem como de sustentação do emprego de empregados em risco de desemprego, numa lógica de mobilização de ações de formação com o objetivo central de promoção da empregabilidade desses ativos, devendo ser ponderada à luz dos seus resultados na promoção da empregabilidade.

Finger (2001), explica que a educação de adultos corresponde a movimentos sociais, a uma vontade de mudar a sociedade, de que são exemplo a alfabetização, a inclusão de adultos na sociedade, a formação operária, as lutas sindicais, a mudança social e os movimentos de justiça.

O ensino profissional ao organizar-se num “sistema modular” e facultar aos formandos, uma elevada capacidade de obterem um emprego numa área de formação profissional, constituindo em parte, uma forma privilegiada de obtenção de emprego e, se for o caso, na mudança de emprego, tudo isto porque já houve experiência profissional através dos estágios curriculares, Formação em Contexto de Trabalho, o que se torna inevitavelmente numa vantagem competitiva (Azevedo, 2003).

Segundo a informação disponível no site da Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (ANQEP),⁶ os cursos profissionalizantes são caracterizados por uma forte ligação com o mundo profissional. A aprendizagem nestes cursos valoriza o desenvolvimento de competências para o exercício de uma profissão, em articulação com o sector profissional, esta ligação com o mundo profissional interliga-se por uma unidade curricular num total de 420 horas, a chamada Formação em Contexto de Trabalho, designada FCT (ou estágio), com o intuito de estabelecer a ponte entre os conteúdos formativos e a prática laboral. Realiza-se em posto de trabalho numa entidade/empresa local, tendo o formando tenha a oportunidade de adquirir ou desenvolver competências técnicas relacionadas com os conteúdos do curso que frequenta. Os formandos que frequentam a FCT passam por uma experiência muito interessante e necessária, uma vez que o seu objetivo é entrar no mercado de trabalho assim

⁶ <http://www.anqep.gov.pt/default.aspx> acedido em 31/07/2014

que concluem o curso. Seria desejável constatar que o mercado de trabalho absorve estes técnicos certificados com o nível IV.

Segundo Estevão (2011) a formação apresenta diversos benefícios tais como a promoção da eficiência; a incrementação da motivação aumento das capacidades individuais, de saber, de informação, de expressão de comunicação de sociabilidade e de integração; proporciona o aparecimento de projectos individuais, bem como colectivos no campo profissional provoca mudanças positivas nos modelos culturais e sociais.

A Comissão Europeia (2006) já tinha reforçado a importância do empreendedorismo através da educação. A ideia principal nos programas de empreendedorismo é que as habilidades empreendedoras podem ser ensinadas e não inerentes às capacidades pessoais.

A formação geral associada aos anos de escolaridade têm um impacto positivo no desempenho do empreendedor (Van der Sluis et al, 2006; Van der Sluis e Van Praag, 2007), e a formação profissional é eficaz para o desempenho das pessoas que se candidatam a projectos de iniciar o próprio negócio (Karlan e Veldiva,2006).

A educação para o empreendedorismo e a aquisição das capacidades empreendedoras podem e devem começar muito cedo e acompanhar não só todo o percurso escolar, incluindo os vários níveis de graduação do ensino superior, como também os contextos de formação não formais (Souza, 2006).

H4: Há orientação ao nível dos conteúdos na formação profissional que promovam a intenção empreendedora.

3 Metodologia de Investigação

A investigação deve ter a tarefa de não contemplar o que ninguém ainda contemplou, mas analisar, como ainda ninguém analisou, sobre o mundo que tem diante dos olhos. (Marconi e Lakatos, 1999).

No entanto para que a investigação se torne pertinente e válida é necessário escolher os métodos mais adequados, ou seja, aqueles que permitem apreender melhor a realidade de análise.

3.1 População, amostra e unidade de análise

No presente trabalho, utiliza-se como base o Questionário EEP que foi aplicado a estudantes do Ensino Superior portugueses, tendo sido adaptado aos formandos do Centro de Formação Profissional para a Indústria Têxtil, Vestuário, Confeção e Lanifícios do MODATEX - Delegação da Covilhã.

A recolha dos dados foi realizada entre 05/07/2014 e 05/08/2014, através de um questionário com o nome “ Questionário de Intenções Empreendedoras”, baseado no Questionário EEP que foi aplicado a estudantes do ensino superior. Esse questionário foi adaptado e aplicado no MODATEX - Delegação da Covilhã utilizando uma plataforma on line. Foram recolhidas ao todo 58 respostas, das quais todas serão avaliadas nesse trabalho.

O MODATEX foi fundado em 2011 resultado da união de esforços destes três organismos que agora tem como objetivo desenvolver atividades de formação profissional num sector crucial e relevante para a atividade económica, concretamente, o sector da indústria têxtil, do vestuário, confeção e lanifícios. Neste sentido, é missão do Centro promover a atividade de formação profissional e de reconhecimento e validação de competências, a prestação de serviços e apoio técnico a entidades no âmbito do sector da indústria têxtil, vestuário e lanifícios. O MODATEX tem a sua sede no Porto, existindo também duas delegações, uma em Lisboa, a outra na Covilhã.

3.2 Método de recolha e análise de dados

De acordo com o que foi referido anteriormente, os dados utilizados em outros trabalhos são dados obtidos através do questionário EEP, que permitem analisar algumas características

presentes nos estudantes de universidades e institutos politécnicos portugueses. Neste trabalho foi adaptado para o público-alvo a estudar.

Esses dados foram recolhidos através de inquérito por questionário designado por *Intenções Empreendedoras*. Esse questionário foi aplicado no MODATEX - Delegação da Covilhã, a formandos do ensino profissional, através da plataforma on line *Google drive*, que permite criar um questionário e depois utilizar o *link* desse mesmo questionário para solicitar aos formandos o preenchimento.⁷

A divulgação feita pelos coordenadores pedagógicos de cada curso. Os dados utilizados nesse trabalho foram obtidos entre os dias 05/07/2014 e 05/08/2014.

Concretamente usou-se o teste de *Mann-Whitney* nas situações em que se compararam dois grupos (género) e o de *Kruskal-Wallis* nas situações em que se compararam mais de duas categorias da mesma variável (Idade). Foi ainda utilizado o teste de qui-quadrado no sentido de verificar a existência de diferenças nas proporções das respostas concordantes e discordantes das questões. Os resultados foram considerados significativos quando o nível de significância foi, no máximo, de 5%. A análise estatística foi efetuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20.0 para *Windows* e *Microsoft Office Excel 2010* para *Windows*.

Os resultados obtidos, que a seguir se apresentam refletem as respostas dos participantes. Numa primeira fase apresentam-se as frequências absolutas e relativas de cada uma das respostas tendo-se de seguida procedido ao confronto apenas das respostas que correspondem à discordância comparativamente com a concordância. A resposta mediana, considerada neutra, não foi tida em consideração nesta análise. As diferenças percentuais que poderão existir dizem pois, respeito, aos participantes que responderam nesse sentido.

Por fim, fez-se uma análise das diferenças obtidas em cada resposta relativamente ao género e à idade dos participantes. Dada a extensão do estudo, optou-se por apresentar apenas os resultados quando tais diferenças foram consideradas significativas do ponto de vista estatístico.

⁷ <http://inqueritoie.alojamentogratico.com/>

4 Análise e discussão dos Resultados

4.1 Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 58 participantes com uma média de idades de 39,47 anos (DP=10,694), tendo por idade mínima 19 anos e por máxima 59.

Por questões meramente práticas, os participantes foram categorizadas segundo as suas idades, cuja distribuição se ilustra no gráfico seguinte.

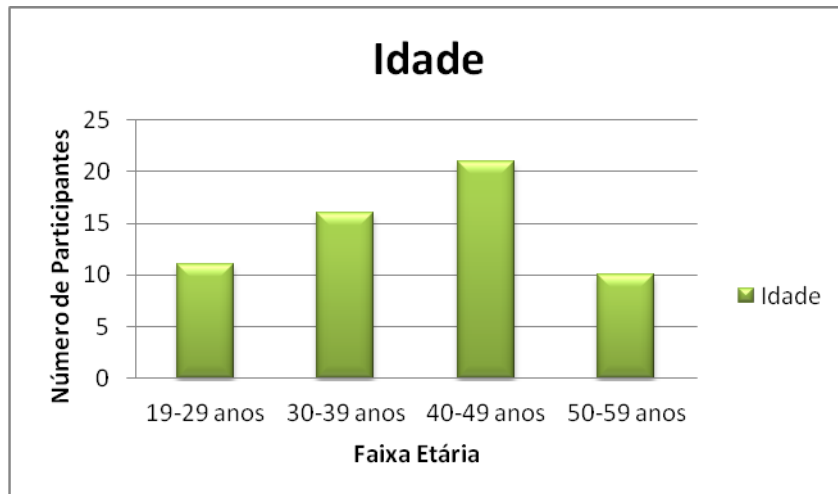


Figura 1- Idade

Fonte: Elaboração Própria 1

Pode observar-se que 11 participantes (19%) têm idades compreendidas entre os 19 e os 29 anos, 16 têm idades entre os 30 e os 39 anos, 21 (36,2%) são o número de participantes com idades entre os 30 e os 49 anos e 10 participantes (17,2%) têm idades entre os 50 e os 59 anos.

Em relação ao género, observou-se que 30 participantes (51,7%) são do sexo masculino e apenas 28 (48,3%) são do sexo feminino. Estes resultados apresentam-se no gráfico seguinte.

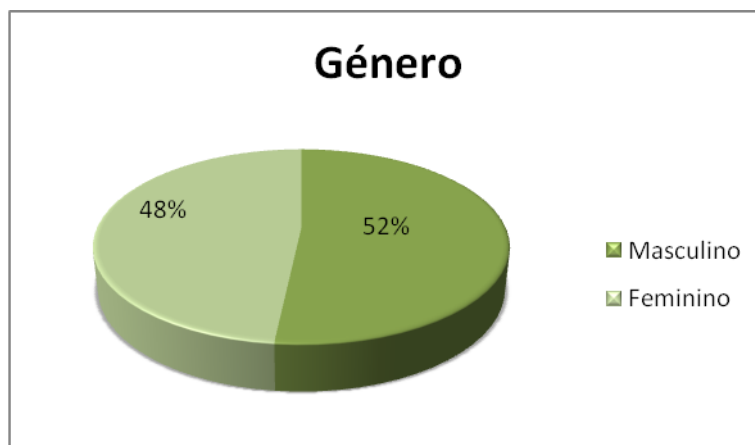


Figura 2 - Gênero

Fonte: Elaboração Própria 2

Após a fase de recolha de dados procedeu-se à análise estatística que envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e desvios padrão) e estatística inferencial. Nesta, foram usados testes não paramétricos, dado tipo de variáveis envolvidas (ordinais medidas em escalas de 5 e 7 pontos).

4.2 Análise de dados e de resultados

Na primeira questão, considerando todas as vantagens e inconvenientes, foi pedido que cada participante indicasse o seu nível de "Atração" por cada uma das seguintes opções profissionais. Constatou-se que 31% dos participantes revela uma atração alta pela opção profissional de "Empregado", sendo esta também a opção mais escolhida quando os participantes se confrontam com a opção "Empresário" (24,1%).

Tabela 1 - Atração pelas opções profissionais

		Atração Baixa	Média Baixa	Parc. Baixa	N/ alta, N / baixa	Parc. Alta	Média Alta	Atração Alta
Empregado	n (%)	11 (19,0)	1 (1,7)	1 (1,7)	5 (8,6)	10 (17,2)	12 (20,7)	18 (31,0)
Empresário	n (%)	11 (19,0)	5 (8,6)	10 (17,2)	5 (8,6)	6 (10,3)	7 (12,1)	14 (24,1)

Juntando as respostas obtidas observou-se que a proporção de respostas é sempre mais elevada do lado da concordância, sendo a diferença de proporções estatisticamente significativa ($p < 0,05$), no caso da opção pela situação de "Empregado".

Tabela 2 - Atração pelas opções profissionais Concordância/Discordâncias

	Atração Baixa		Atração Alta		p
	n	%	n	%	
Empregado	13	22,4	40	69,0	0,000**
Empresário	26	44,8	27	46,6	0,891

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Acerca da valorização social do empreendedor os inquiridos revelaram o seu nível de concordância relativamente a algumas afirmações apresentadas.

Tabela 3 - Valorização Social do Empreendedor

		Discordo Totalmente	Discordo Parc.	Discordo N/ Conc. N/ Disc.	Conc. Parc.	Concordo	Concordo Totalmente
2 a)	n (%)	4 (6,9)	5 (8,6)	8 (13,8)	5 (8,6)	16 (27,6)	7 (12,1)
2 b)	n (%)	12 (20,7)	12 (20,7)	12 (20,7)	5 (8,6)	6 (10,3)	6 (10,3)
2 c)	n (%)	4 (6,9)	3 (5,2)	12 (20,7)	14 (24,1)	9 (15,5)	1 (1,7)
2 d)	n (%)	2 (3,4)	1 (1,7)	14 (24,1)	16 (27,6)	12 (20,7)	5 (8,6)
2 e)	n (%)	5 (8,6)	8 (13,8)	7 (12,1)	13 (22,4)	11 (19,0)	4 (6,9)
2 f)	n (%)	2 (3,4)	2 (3,4)	9 (15,5)	15 (25,9)	15 (25,9)	7 (12,1)
2 g)	n (%)	4 (6,9)	1 (1,7)	10 (17,2)	13 (22,4)	15 (25,9)	8 (13,8)
2 h)	n (%)	3 (5,2)	3 (5,2)	7 (12,1)	10 (17,2)	11 (19,0)	12 (20,7)

Observa-se que 27,6% dos participantes considera que a família é bastante concordante com uma carreira de empreendedor embora uma grande parte deles (62,1%) ache que a cultura do seu país não é muito favorável à atividade empreendedora.

Uma apreciação menos favorável por parte dos especialistas portugueses, no item “Normas Culturais e Sociais” reflectida no GEM, 2012 já tinha registado uma apreciação menos bastante desfavorável. Considera-se que a cultura nacional está pouco orientada para o empreendedorismo e que existe, na sociedade, uma falta de estímulo ao êxito individual.

Em relação às afirmações “O papel do empreendedor na economia é pouco reconhecido no meu país”, “Os meus amigos valorizam mais a atividade empreendedoras do que outras atividades e carreiras” e “A maioria das pessoas do meu país considera pouco aceitável ser empreendedor”, Constata-se que o mais frequente é uma opinião neutra. Já no que diz respeito à opinião dos colegas, uma parte interessante dos participantes (25,9%) considera que os colegas valorizam bastante mais a atividade empreendedora do que outras atividades e 41,4% dos participantes concorda bastante ou totalmente a ideia de que no seu país é comum pensar que os empreendedores se aproveitam dos outros.

Juntando as respostas obtidas nas colunas correspondentes às pontuações 1, 2 e 3, por um lado, e 5, 6 e 7 por outro, observou-se que a proporção de respostas é mais elevada do lado da concordância, em todas as questões exceto na questão b). Constata-se ainda que estas diferenças são significativa no caso das questões a), b), f), g) e h) ($p < 0,05$), no caso da opção pela situação de “Concordo”

Tabela 4 - Valorização social do empreendedor Concordância/Discordância

	Discordo		Concordo		p
	n	%	n	%	
a)A minha família direta valoriza mais a atividade empreendedora do que outras atividades e carreiras	17	29,3	36	62,1	0,009**
b)A cultura do meu país é muito favorável à atividade empreendedora	36	62,1	17	29,3	0,009**
c)O papel do empreendedor na economia é pouco reconhecido no meu país	19	32,8	25	43,1	0,366
d)Os meus amigos valorizam mais a atividade empreendedoras do que outras atividades e carreiras	17	29,3	25	43,1	0,217
e)A maioria das pessoas do meu país considera pouco aceitável ser empreendedor	20	34,5	25	43,1	0,456
f)No meu país considera-se que a atividade empreendedora vale a pena, apesar dos riscos	13	22,4	30	51,7	0,010*
g)Os meus colegas valorizam mais a atividade empreendedora do que outras atividades e carreiras	15	25,9	30	51,7	0,025*
h)No meu país é comum pensar que os empreendedores se aproveitam dos outros	13	22,4	35	60,3	0,001**

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Quando se compararam as respostas dos participantes no questionário em função do género, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas respostas a qualquer uma das questões, o mesmo tendo acontecido em relação à idade.

Foi solicitado aos formandos que se posicionassem sobre o fato de considerarem terem capacidades/ competências específicas para serem empreendedores. As respostas a estas questões apresentam-se na tabela seguinte.

Tabela 5 - Capacidades/Competências Específicas

		Nenhuma Capacidade	Baixa	Média Baixa	N/ alta N/ baixa	Parc. Alta	Média Alta	Alta Capacidade
3 a)	n (%)	5 (8,6)	6 (10,3)	3 (5,2)	11 (19,0)	17 (29,3)	9 (15,5)	7 (12,1)
3 b)	n (%)	3 (5,2)	1 (1,7)	7 (12,1)	8 (13,8)	23 (39,7)	12 (20,7)	4 (6,9)
3 c)	n (%)	3 (5,2)	3 (5,2)	6 (10,3)	12 (20,7)	19 (32,8)	10 (17,2)	5 (8,6)
3 d)	n (%)	3 (5,2)	3 (5,2)	7 (12,1)	10 (17,2)	13 (22,4)	14 (24,1)	8 (13,8)
3 e)	n (%)	6 (10,3)	3 (5,2)	6 (10,3)	13 (22,4)	9 (15,5)	14 (24,1)	7 (12,1)
3 f)	n (%)	3 (5,2)	1 (1,7)	8 (13,8)	13 (22,4)	12 (20,7)	15 (25,9)	6 (10,3)

Por observação dos resultados obtidos, constata-se que todos os participantes consideram ter razoáveis capacidades nestas áreas. Assim, 29,3%, dizem ser capazes de reconhecer, relativamente bem as oportunidades, 39,7% têm idêntica opinião em relação à criatividade, 32,8% consideram que têm uma relativamente boa capacidade para resolver problemas. Também 24,1% dos participantes considera ter uma relativamente alta capacidade de liderança ou para desenvolver novos produtos e serviços. Finalmente, 25,9% revelam também altos valores na capacidade para estabelecer relações e contactos profissionais.

Nixdorff & Solomon (2005), definiram o reconhecimento de oportunidades como um processo

cognitivo que pode ser realçado com a formação, com educação, ao reconhecer uma oportunidade o empreendedor tende a sentir-se motivado a iniciar um negócio. No entanto, a criatividade, a capacidade de liderança e comunicação, a capacidade de resolver problemas também são tidos em conta pelos formandos.

Observou-se que a proporção de respostas é mais elevada do lado das capacidades altas ou relativamente altas, em todas as questões, constatando-se também que todas elas revelam significância estatística.

Tabela 6 - Capacidades e Competências Específicas - Concordância/Discordância

Questão 3.	Baixa		Alta		p
	n	%	n	%	
a)Reconhecimento de oportunidades	14	24,1	33	56,9	0,006**
b)Criatividade	11	19,0	39	67,2	0,000**
c)Resolução de problemas	12	20,7	34	58,6	0,001**
d)Liderança e capacidade de comunicação	13	22,4	35	60,3	0,001**
e)Desenvolvimento de novos produtos e serviços	15	25,9	30	51,7	0,025*
f)Estabelecimento de relações e contactos profissionais	12	20,7	33	56,9	0,002**

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$;

Quando se compararam as respostas dos participantes no questionário em função do género, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas respostas a qualquer uma das questões, o mesmo tendo acontecido em relação à idade.

Em relação à questão que lhes foi agora colocada, “Alguma vez se questionou seriamente em ser empreendedor, a maior parte dos participantes, 52% (n=34) respondeu de forma afirmativa, enquanto uma percentagem também elevada, 48% (n=24) respondeu negativamente a esta questão.



Figura 3 - Alguma vez considerou a hipótese de considerar-se empreendedor

Fonte: Elaboração Própria 3

Como Benavides Espinosa & Garcia (2004), explicam a necessidade de empreender, relaciona-se à busca de emprego. A escassez de postos de trabalhos e a sensação de futuro incerto, podem exercer uma pressão no indivíduo motivando-o a criar seu próprio negócio como forma de assegurar-se financeiramente. Como por exemplo, o caso português, o empreendedorismo é impulsionado pela necessidades. (GEM,2012).

O Eurobárometro no ano de 2012 em Portugal, revelou que 49% dos entrevistados gostaria de trabalhar por conta própria. Esta vontade, por parte da população portuguesas, de serem empreendedores faz com que a promoção do empreendedorismo “seja não só um imperativo económico primordial, como também demonstra a necessidade por parte dos responsáveis políticos e das organizações de abordarem este assunto no contexto da coesão social e satisfação da população” (Redford, 2008, p. 30).

Em particular, foram ainda colocadas as seguintes questões aos participantes que responderam de forma afirmativa à questão anterior: **Em caso afirmativo, qual a sua relação com eles?**

a) Familiar

- **Em que medida conhece a sua atividade como empreendedor?**

Responderam a esta questão, 46 participantes, o que corresponde a 79,3%. Constatou-se que 19% (n = 11) considera que conhece muito a atividade do(s) empreendedor(es).

- **Em que medida se pode considerar um “bom” empreendedor?**

Responderam a esta questão, 44 participantes, o que corresponde a 75,8%. Registou-se que 29,3% (n = 17) considera que conhece muito a atividade do(s) empreendedor(es).

b) Amigo

- **Em que medida conhece a sua atividade como empreendedor?**

A percentagem de participantes que respondeu a esta questão foi de 69% (n = 40), sendo de 13,8% (n = 8) a percentagem dos que consideram que conhecem muito a atividade do(s) empreendedor(es).

- **Em que medida se pode considerar um “bom” empreendedor?**

A percentagem de participantes que respondeu a esta questão foi de 47% (n = 27), sendo de 12,1% (n = 7) a percentagem dos que consideram não considerar, nem muito nem pouco, que o empreendedor que conhecem é bom.

c) Dono da empresa onde trabalhou

- **Em que medida conhece a sua atividade como empreendedor?**

Apenas 27 participantes (47%) conhecem como empreendedor, o dono da empresa onde trabalhou sendo que, o mais frequente é conhecerem pouco a sua atividade como empreendedor (n=7; 12,1%).

- **Em que medida se pode considerar um “bom” empreendedor?**

Dos 52% de participantes (n=30) que responderam a esta questão, 13,8% (n=8) respondeu nem muito nem pouco à questão colocada.

d) Outro

- **Em que medida conhece a sua atividade como empreendedor?**

Dos 44,8% de participantes (n = 26) que responderam a esta questão, as respostas mais frequentes repartem-se igualmente pelo pouco, nem muito nem pouco e muito (n=6; 10,3%).

- **Em que medida se pode considerar um “bom” empreendedor?**

Dos 68,9% de participantes (n = 40) que responderam a esta questão, as respostas mais frequentes repartem-se igualmente pelo muito e pelo bastante (n=9; 15,5%).

Os resultados apresentam-se na tabela seguinte.

Tabela 7 - Conhecimento de algum Empreendedor

		Nada	Quase Nada	Pouco	N/ Mto. N/Pco.	Muito	Bastante	Totalmente
Familiar	n (%)	1 (1,7)	2 (3,4)	8 (13,8)	6 (10,3)	11 (19,0)	8 (13,8)	10 (17,2)
	n (%)	5 (8,6)	0 (0,0)	2 (3,4)	2 (3,4)	17 (29,3)	5 (8,6)	13 (22,4)
Amigo	n (%)	5 (8,6)	3 (5,2)	3 (5,2)	7 (12,1)	8 (13,8)	7 (12,1)	7 (12,1)
	n (%)	2 (3,4)	0 (0,0)	6 (10,3)	7 (12,1)	2 (3,4)	6 (10,3)	4 (6,9)
Dono	n (%)	2 (3,4)	2 (3,4)	7 (12,1)	5 (8,6)	3 (5,2)	3 (5,2)	5 (8,6)
	n (%)	3 (5,2)	1 (1,7)	7 (12,1)	8 (13,8)	5 (8,6)	1 (1,7)	5 (8,6)
Outro	n (%)	0 (0,0)	1 (1,7)	6 (10,3)	6 (10,3)	6 (10,3)	4 (6,9)	3 (5,2)
	n (%)	2 (3,4)	3 (5,2)	5 (8,6)	6 (10,3)	9 (15,5)	9 (15,5)	6 (10,3)

Procedendo novamente à aglutinação das respostas em dois grupos, os resultados obtidos são os que se apresentam na tabela seguinte.

Tabela 8 - Conhecimento de algum Empreendedor - Concordância/Discordância

	Pouco		Muito		p
	n	%	n	%	
Familiar					
• Em que medida conhece a sua atividade como empreendedor?	11	19,0	29	50,0	0,004**
• Em que medida se pode considerar um “bom” empreendedor?	7	12,1	35	60,3	0,000**
Amigo					
• Em que medida conhece a sua atividade como empreendedor?	11	19,0	22	37,9	0,056
• Em que medida se pode considerar um “bom” empreendedor?	8	13,8	12	20,7	0,371
Dono					
• Em que medida conhece a sua atividade como empreendedor?	11	19,0	11	19,0	1,000
• Em que medida se pode considerar um “bom” empreendedor?	11	19,0	11	19,0	1,000
Outro					
• Em que medida conhece a sua atividade como empreendedor?	7	12,1	13	22,4	0,180
• Em que medida se pode considerar um “bom” empreendedor?	10	17,2	24	41,4	0,016**

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$;

Constata-se uma maior percentagem de respostas em relação à concordância, sendo que no caso das questões que se relacionam com o dono da empresa onde os participantes trabalharam, a percentagem de discordância é igual à de concordância.

Registaram-se apenas diferenças significativas do ponto de vista estatístico nas questões que dizem respeito ao(s) empreendedor(es) familiares e à última questão em relação aos outros empreendedores.

No inquérito procurou-se averiguar o nível de eficácia, assim pediu-se aos formandos pensassem em si próprios e reflectissem sobre algumas afirmações de nível pessoal. As respostas às questões colocadas encontram-se na tabela seguinte:

Tabela 9 - *Motivações Pessoais*

		Discorda Muito	Discorda	N/concorda N/discorda	Concorda	Concorda Muito
6 a)	n (%)	13 (22,4)	10 (17,2)	8 (13,8)	7 (12,1)	14 (24,1)
6 b)	n (%)	9 (15,5)	5 (8,6)	15 (25,9)	12 (20,7)	16 (27,6)
6 c)	n (%)	9 (15,5)	4 (6,9)	15 (25,9)	14 (24,1)	15 (25,9)
6 d)	n (%)	9 (15,5)	6 (10,3)	19 (32,8)	10 (17,2)	13 (22,4)
6 e)	n (%)	16 (27,6)	8 (13,8)	13 (22,4)	6 (10,3)	13 (22,4)
6 f)	n (%)	13 (22,4)	4 (6,9)	19 (32,8)	7 (12,1)	14 (24,1)

Da observação da tabela, conclui-se que 24,1% (n = 14) dos participantes pensa muito frequentemente em tornar-se um empreendedor, sendo de 27,6% (n=16) a percentagem dos que concordam muito com a afirmação de que gostavam de o ser.

Também 25,9% concorda muito com a afirmação de que tornar-se um empreendedor é uma parte importante de si. Por outro lado, é de 25,9% (n=15) a percentagem de participantes que nem concorda nem discorda com a afirmação de que o termo empreendedor se lhe ajusta bastante, mas igual percentagem concorda muito com a mesma afirmação.

Uma parte significativa dos participantes discorda muito da afirmação de estar a pensar em tornar-se um empreendedor, observando-se no entanto uma elevada percentagem também, 22,4%, a percentagem dos que concordam muito com a afirmação. Finalmente, o mais comum, 32,8% (n=19) é os participantes não concordarem nem discordarem da afirmação que ser importante para si expressar as suas intenções empreendedoras.

Assim, agrupando as respostas correspondentes ao concordo e aos discordo, obtiveram-se os resultados seguintes.

Tabela 10 – *Motivações Pessoais - Concordância/Discordância*

	Discordo		Concordo		p
	n	%	n	%	
a)Pensa frequentemente tornar-se um empreendedor	23	39,7	21	36,2	0,763
b)Gostava de se ver empreendedor	14	24,1	28	48,3	0,031*
c)Tornar-se empreendedor é uma parte importante de quem é	13	22,4	29	50,0	0,014*
d)Quando pensa nisso, o termo ajustar-se-lhe-ia bastante bem	15	25,9	23	39,7	0,194
e)Está a pensar em tornar-se um empreendedor	24	41,4	19	32,8	0,446
f)É importante par si expressar as suas opiniões empreendedoras	17	29,3	21	36,2	0,516

* $p \leq 0,05$

Da observação da tabela anterior pode concluir-se que embora sem revelar significância estatística, as respostas à questão “*Pensa frequentemente tornar-se um empreendedor*”, manifestam maior discordância do que concordância, recaindo a maior percentagem sobre a concordância em todas as questões seguintes. Verifica-se no entanto que apenas nas questões “*Gostava de se ver empreendedor*” e “*Tornar-se empreendedor é uma parte importante de quem é*”, apresentam significância estatística, observando-se valores p de, 0,031 e 0,014, respetivamente.

Em relação às questões que agora forma colocadas aos participantes, para analisar a intenção empreendedora, observou-se que com exceção das questões “*Não tem imaginação para novos produtos*” (n=12; 20,7) e “*Tem facilidade em identificar necessidades de novos produtos*” (n=16; 27,6%), em relação às quais a maior parte das respostas recaiu sobre a opção “*Em certa medida verdadeiro*”, as respostas recaíram sobre a opção “*Completamente falso*”.

Tabela 11 - Intenção Empreendedora

		Completa/ falso	Falso	Em certa medida falso	N/ falso N/verd	Em certa medida verdade	Verdade	Muito Verdadeir o
7 a)	n (%)	13 (22,4)	6 (10,3)	2 (3,4)	12 (20,7)	6 (10,3)	9 (15,5)	6 (10,3)
7 b)	n (%)	18 (31,0)	12 (20,7)	7 (12,1)	7 (12,1)	4 (6,9)	3 (5,2)	5 (8,6)
7 c)	n (%)	14 (24,1)	8 (13,8)	8 (13,8)	6 (10,3)	8 (13,8)	2 (3,4)	8 (13,8)
7 d)	n (%)	13 (29,3)	6 (10,3)	8 (13,8)	7 (12,1)	7 (12,1)	2 (3,4)	8 (13,8)
7 e)	n (%)	16 (27,6)	8 (13,8)	7 (12,1)	4 (6,9)	12 (20,7)	4 (6,9)	4 (6,9)
7 f)	n (%)	11 (19,0)	4 (6,9)	7 (12,1)	11 (19,0)	12 (20,7)	5 (8,6)	6 (10,3)
7 g)	n (%)	9 (15,5)	4 (6,9)	7 (12,1)	10 (17,2)	16 (27,6)	4 (6,9)	4 (6,9)
7 h)	n (%)	17 (29,3)	4 (6,9)	6 (10,3)	3 (5,2)	9 (15,5)	11 (19,0)	7 (12,1)
7 i)	n (%)	12 (20,7)	3 (5,2)	7 (12,1)	7 (12,1)	10 (17,2)	7 (12,1)	11 (19,0)
7 j)	n (%)	18 (31,0)	7 (12,1)	3 (5,2)	6 (10,3)	8 (13,8)	5 (8,6)	10 (17,2)

No que diz respeito à questão “*Tem intenção de criar um novo projeto empresarial de futuro*”, as principais razões apontadas para uma resposta negativa foram: falta de capital, valor dos impostos, falta de condições no país, falta de conhecimentos sobre o assunto e algum receio, por falta de vontade, por não ter perfil e por ter medo de arriscar. Alguns destes argumentos, já tinham sido mencionados no GEM,2012 no item condição estrutural “*Políticas Governamentais*” esta registou-se uma apreciação menos favorável por parte dos especialistas nacionais, que apontavam como principais obstáculos ao fomento da atividade empreendedora no País a existência de um excesso de burocracia e carga fiscal.

Já aqueles que responderam de forma afirmativa, justificaram a sua resposta com a vontade de dirigir uma empresa inovadora, de ter alguma independência económica, e de desenvolver na sua área de residência com pessoas empenhadas, empreendedoras e qualificadas, entre outros aspetos. Novamente por aglutinação das respostas, os resultados obtidos são os seguintes.

Tabela 12 - Intenção Empreendedora - Concordância/Discordância

	Discordo		Concordo		p
	n	%	n	%	
a)Nunca procura oportunidade para criar negócio	21	36,2	21	36,2	1.000
b)Está a poupar dinheiro para começar um novo projeto empresarial	37	63,8	12	20,7	0.000**
c)Não lê livros sobre como implementar um novo projeto empresarial	30	51,7	18	31,0	0.083
d)Não tem planos para criar o seu próprio negócio empresarial	31	53,4	17	29,3	0.043*
e)Depende tempo a aprender sobre como criar um novo projeto empresarial	31	53,4	20	34,5	0.123
f)Não tem imaginação para novos produtos	22	37,9	23	39,7	0.881
g)Tem facilidade em identificar necessidades de novos produtos	20	34,5	24	41,4	0.546
h)Gostaria de gerir uma empresa	27	46,6	27	46,6	1.000
i)Gostaria de criar algo novo	22	37,9	28	48,3	0.396
j)Tem intenção de criar um novo projeto empresarial de futuro	28	48,3	23	39,7	0.484

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$;

Da tabela anterior observa-se que apenas existem diferenças significativas nas concordâncias e discordâncias relativamente às questões “Está a poupar dinheiro para começar um novo projeto empresarial” e “Não tem planos para criar o seu próprio negócio empresarial”, situações em que se verificam valores de discordância bastantes superiores aos da concordância.

Mais uma vez, no que diz respeito às diferenças por género e por idade, verificou-se uma similaridade nas respostas de todos os participantes, não se tendo manifestado significativas do ponto de vista estatístico, as diferenças entre as respostas dos grupos.

Sobre o grau de conhecimento sobre associações, organismos e medidas de apoio à atividade empreendedora. Os resultados obtidos a estas questões apresentam-se de seguida.

Tabela 13 – Conhecimento sobre Apoios

		Desconhecim ento absoluto	Desconh ecimento	Desc. em certa medida	N/ Conh., N/ Desc.	Conhec. em certa medida	Conheci mento	Conhecime nto total
9 a)	n (%)	30 (51,7)	4 (6,9)	9 (15,5)	8 (13,8)	1 (1,7)	1 (1,7)	2 (3,4)
9 b)	n (%)	8 (13,8)	5 (8,6)	13 (22,4)	11 (19,0)	5 (8,6)	7 (12,1)	6 (10,3)
9 c)	n (%)	28 (48,3)	5 (8,6)	11 (19,0)	5 (8,6)	3 (5,2)	4 (6,9)	2 (3,4)
9 d)	n (%)	29 (50,0)	4 (6,9)	10 (17,2)	7 (12,1)	4 (6,9)	3 (5,2)	1 (1,7)
9 e)	n (%)	29 (50,0)	4 (6,9)	10 (17,2)	6 (10,3)	4 (6,9)	1 (1,7)	3 (5,2)
9 f)	n (%)	33 (56,9)	4 (6,9)	10 (17,2)	4 (6,9)	4 (6,9)	2 (3,4)	1 (1,7)

Por observação da tabela anterior, verificou-se que com exceção dos Organismos (IEFP, ICEP; IAPMEI, entre outros), que 22,4% (n=13) dos participantes, referem desconhecer em certa medida, em relação às outras questões, uma grande parte revela um desconhecimento total.

Assim, relativamente às Associações, 51,7% (n=30) revela um total desconhecimento, o mesmo acontecendo com 48,3% (n=28) em relação às medidas de formação específica para jovens empreendedores. A percentagem de participantes que desconhece absolutamente os empréstimos em condições especialmente favoráveis é também elevada (n=29; 50,0%). A mesma percentagem, 50,0% (n=29) desconhece totalmente a existência de apoio técnico para iniciar o negócio e uma percentagem mais elevada ainda, 56,9% (n=33), apresenta o mesmo desconhecimento em relação à existência de Centros/Incubadoras de empresas.

Aglutinando as respostas, entre o desconhecimento e o conhecimento, obtiveram-se os resultados que se ilustram de seguida.

Tabela 14 - Conhecimentos sobre os Apoios-Concordância/Discordância

	Discordo		Concordo		p
	n	%	n	%	
a)Associações (AEP, ANJE, AIP, COTEC, outras)	43	74,1	4	6,9	0,000**
b)Organismos (IEFP, ICEP, IAPMEI, entre outros)	26	44,8	18	31,0	0,228
c)Medidas de formação específica para jovens empreendedores	44	75,9	9	15,5	0,000**
d)Empréstimos em condições especialmente favoráveis	43	74,1	8	13,8	0,000**
e)Apoio técnico para iniciar o negócio	43	74,1	8	13,8	0,000**
f)Centros/Incubadoras de empresas	47	81,0	7	12,1	0,000**

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Observa-se assim que a maior percentagem de respostas recai sobre a discordância, em todas as questões colocadas, sendo ainda as diferenças registadas, significativas do ponto estatístico, em todas as situações.

Em relação às diferenças registadas por género, observaram-se as seguintes, com relevância estatística.

Tabela 15 - Conhecimento sobre os Apoios - Diferenças por Género

	U	p
d)Empréstimos em condições especialmente favoráveis	295,000	0,037*
e)Apoio técnico para iniciar o negócio	285,500	0,038*
f)Centros/Incubadoras de empresas	257,000	0,005*

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Deste modo, em relação à questão “Grau de conhecimento relativamente a empréstimos em condições especialmente favoráveis”, verificou-se que as mulheres apresentam um Mean Rank mais elevado (Mean Rank=33,96) do que os homens (Mean Rank=25,33), o mesmo se verificando relativamente à questão “Grau de conhecimento relativamente a apoio técnico para iniciar o negócio”, relativamente à qual as mulheres apresentam um Mean Rank =33,30 vs. Mean Rank=24,84 para os homens.

Por último, na questão “*Grau de conhecimento relativamente a Centros/Incubadoras de empresas*” são novamente as mulheres, aquelas que apresentam um *Mean Rank* mais elevado (*Mean Rank*=35,32 para as mulheres vs. *Mean Rank*=24,07 para os homens).

Segundo Leite e Oliveira (2007), os empreendedores portugueses apontam como um dos principais entraves à iniciativa empreendedora a falta de financiamento quer para o arranque da atividade quer para o seu crescimento. O sistema de financiamento português está fundamentalmente baseado no crédito, existindo uma clara aversão ao risco.

Tendo em consideração as hipóteses formuladas ao longo da investigação, no questionário, foram introduzidas questões para avaliar a Educação para o Empreendedorismo, (questão 8) que perguntava quais as unidades curriculares que já frequentou ou frequenta que abordem temas sobre o empreendedorismo, e para avaliar a intenção empreendedora dos formandos, foram definidas características essenciais que avaliam a intenção empreendedora. As características em análise foram procura oportunidades para criar um negócio, está a poupar dinheiro para iniciar um negócio, há planos para criar o seu próprio negócio, despende tempo para criar o seu projecto empresarial, tem imaginação para criar novos produtos, tem facilidade em identificar nos produtos, gostaria de gerir um empresa e tem intenção de criar um projecto empresarial. No entanto na questão nº 8 do questionário que permitia avaliar a educação para o empreendedorismo, nenhum formando respondeu se durante as sessões forma abordados temas sobre o empreendedorismo. Assim, **H1: A Educação para o Empreendedorismo influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos, e a H4: Há orientação ao nível dos conteúdos, na formação profissional para desenvolver a intenção empreendedora, não são possíveis de testar.**

Assim exploramos a hipótese 2 e 3 da dissertação:

H2: Os formandos reconhecem ter capacidades/competências que impulsionem a intenção empreendedora

No sentido de determinar uma possível associação entre as questões que se relacionam com as capacidades/competências e a intenção empreendedora dos formandos, determinaram-se coeficientes de correlação de *Spearman*. Os resultados obtidos são os que se apresentam na tabela seguinte.

Deste modo, encontraram-se associações, significativas do ponto de vista estatístico, em relação às questões 3 a) (“*Reconhecimento de oportunidades*”) e as questões 7 g) (“*Ter facilidade em identificar necessidades de novos produtos*”), 7h) (“*Gostaria de gerir uma empresa*”), 7i) (“*Gostaria de criar algo novo*”) e 7 j) (“*Tem intenção de criar um projeto empresarial de futuro*”). Deste modo, os participantes que responderam de forma mais afirmativa à questão do reconhecimento de oportunidades, manifestaram também maior

convicção em relação às questões referida, evidenciando-se assim uma relação positiva entre elas.

Uma posição semelhante foi encontrada entre as respostas à questão 3 b) (*“Criatividade”*) e as questões 7 g), 7h), 7i) e 7j), já referidas, tendo-se constatado que os participantes que consideram possuir uma maior criatividade, gostariam também mais de gerir uma empresa, criar algo novo, têm maior intenção de criar um projeto empresarial no futuro e possuem uma maior facilidade em identificar novos produtos do que aqueles que afirmam ter uma criatividade menor.

Uma situação do mesmo género volta a repetir-se relativamente à questão 3 c) (*“Resolução de problemas”*). Os participantes que afirmam ter uma grande capacidade para resolver problemas apresentam também uma maior intenção empreendedora, já que a correlação entre as respostas a esta questão e as respostas às questões 7g), 7h), 7i) e 7j) é positiva e significativa do ponto de vista estatístico.

Verifica-se novamente uma situação semelhante relativamente à questão 3 d) (*“Liderança e capacidade de comunicar”*) e as questões 7 g), 7 h), 7 i) e 7j). Assim, os formandos que consideram ter uma maior capacidade de liderança e de comunicação manifestam também uma maior intenção empreendedora.

Em relação à questão 3 e) (*“Desenvolvimento de novos produtos e serviços”*), verifica-se também uma correlação positiva, estatisticamente significativa, com a questão 7 b) (*“Está a poupar dinheiro para um novo projeto empresarial”*). Deste modo, os formandos que manifestam de forma muito convincente a intenção de desenvolverem novos produtos e serviços, afirmam estar a poupar dinheiro para um novo projeto empresarial, consideram ter facilidade em identificar necessidades e produtos, gostariam de criar algo novo e de gerir uma empresa, e apresentam intenção futura de criar um novo projeto empresarial. As correlações entre as questões expostas são positivas e estatisticamente significativas.

Finalmente, os formandos que consideram ter uma maior capacidade de estabelecer relações e contactos profissionais (questão 7 f)), são também os que mais gostariam de gerir uma empresa (questão 7 h)), de criar algo novo (questão 7 i)) e têm uma maior intenção de criar um novo projeto empresarial no futuro (questão 7 j)).

Tabela 16: Correlações de Spearman entre as capacidades/competências e a intenção empreendedora.

	7 a)	7 b)	7 c)	7 d)	7 e)	7 f)	7 g)	7 h)	7 i)	7 j)
Questão 3 a)	-0.073	0.241	0.032	-0.003	0.114	-0.128	0.275**	0.442**	0.441*	0.560*
Questão 3 b)	-0.072	0.129	-0.045	0.111	0.114	-0.009	0.498**	0.396**	0.453**	0.468**
Questão 3 c)	0.146	0.208	0.069	-0.068	0.157	0.035	0.350**	0.347**	0.452**	0.362**
Questão 3 d)	0.074	0.112	-0.020	-0.032	0.014	-0.022	0.385**	0.375**	0.389**	0.339**
Questão 3 e)	0.122	0.281*	-0.008	0.069	0.116	-0.006	0.345*	0.300*	0.380*	0.364**
Questão 3 f)	0.278	0.200	0.146	0.156	0.124	0.080	0.230	0.325*	0.353**	0.320

Nota: * $p < 0.05$; ** $p < 0.01$

H₃: A auto - eficácia influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos.

Por observação dos resultados pode referir-se que os formandos que pensam de forma mais intensa em tornar-se empreendedores (questão 6 a)) estão a poupar dinheiro para começar um novo projeto empresarial (questão 7 b)), despendem tempo a aprender sobre como criar um novo projeto empresarial (questão 7 e), têm facilidade me identificar necessidades de novos produtos (questão 7 g)), gostariam de criar uma empresa (questão 7 h)), gostariam de criar algo novo (questão 7 i)) e têm intenção de criar um novo projeto empresarial, no futuro (questão 7 h)). As correlações referidas encontradas, são positivas, e estatisticamente significativas.

Por outro lado, os participantes neste estudo que gostavam de se ver empreendedores, manifestam respostas correlacionadas positivamente com as questões 7b), 7e), 7g), 7h) e 7 i).

Situação semelhante se constata em relação à questão 6c) “*Tornar-se empreendedor é uma parte importante de quem é*”. As correlações encontradas entre as respostas a esta questão são as mesmas que as referidas para a questão 6 a). O mesmo se verifica em relação à questão 6 d) “*Quando pensa nisso, o termo ajustar-se-lhe-ia bastante bem*”, bem como relativamente às questões 6 e) “*Está a pensar tornar-se um empreendedor*” e 6 f) “*É importante para si expressar as suas intenções empreendedoras*”.

Tabela 17: Correlações de Spearman entre auto-eficácia e a intenção empreendedora.

	7 a)	7 b)	7 c)	7 d)	7 e)	7 f)	7 g)	7 h)	7 i)	7 j)
Questão 6 a)	0.169	0.426*	0.252	0.179	0.479*	0.254	0.574**	0.647**	0.590**	0.703**
Questão 6 b)	0.287	0.377**	0.178	0.094	0.498**	0.175	0.467**	0.642**	0.505**	0.639
Questão 6 c)	0.051	0.343**	0.071	0.094	0.379**	0.127	0.449**	0.547**	0.422**	0.475**
Questão 6 d)	0.112	0.352**	0.080	0.029	0.323*	0.148	0.424**	0.525**	0.471**	0.490**
Questão 6 e)	0.205	0.457*	0.116	0.029	0.557**	0.234	0.498**	0.587**	0.391**	0.539**
Questão 6 f)	0.173	0.413**	0.127	0.042	0.447**	0.223	0.457**	0.652**	0.426**	0.555**

Nota: * $p < 0.05$; ** $p < 0.01$

Pode concluir-se deste modo que as questões que se relacionam com a auto-eficácia se encontram positivamente relacionadas com a generalidade das questões relacionadas com a intenção empreendedora, revelando que os formandos que evidenciam uma maior auto-eficácia são também os que manifestam uma maior intenção empreendedora.

5 Considerações finais, limitações e sugestões para futuras linhas de investigação

Este trabalho teve como objetivo aferir a importância do empreendedorismo no atual contexto de formação profissional, bem como analisar de que forma as características comportamentais, a formação e a educação para o empreendedorismo influenciam a intenção empreendedora dos formandos.

A linha de argumentação avançada nesta dissertação reconhece que a actual instabilidade e precariedade do emprego têm vindo a impor uma mudança nas atitudes relativamente às opções de emprego na população portuguesa, propiciando um contexto favorável à criação do auto-emprego, o que explica o renovado interesse por parte das instâncias europeias e nacionais pelo empreendedorismo como modalidade alternativa de transição profissional.

No trabalho desenvolvido, constata-se que os formandos revelam alguma intenção empreendedora, pelo que se revela urgente, pela dimensão social e económica de se estimular os formandos para a importância de continuarem a desenvolver comportamentos empreendedores. Para promover a educação para o empreendedorismo, é necessário em primeiro lugar criar condições no sistema de ensino profissional. Estas mudanças deverão ser impulsionadas pelo Ministério da Educação e da Ciência e da Agência Nacional para a Qualificação e Ensino Profissional.

Concluída a revisão da literatura formularam-se hipóteses a testar empiricamente observou-se que os conteúdos de formação profissional não tem impacto e na educação para o empreendedorismo e pelos resultados relativamente à intenção empreendedora dos formandos perfil não há metodologias e programas com têm efeitos positivos, que permitam desenvolver características de intenções empreendedoras nos formandos.

O ensino profissional, tem um papel importante de preparar e “reciclar” os formandos para um mercado de trabalho cada vez mais exigente, facultando informações, conhecimentos e principalmente competências qualificantes proporcionando a estimulação da intenção empreendedora, daí a importância de programas curriculares, programas de educação para o empreendedorismo como forma de preparar os formandos para o mercado de trabalho, por de conta de outrem ou auto-emprego.

Apesar de neste trabalho não serem feitas comparações com resultados relativos a outros centros de formação, ressalta-se a importância da contribuição dos resultados obtidos nesse trabalho para futuras comparações com outros centros de formação profissional.

Uma das principais limitações desta investigação, pode ser o facto deste estudo se basear apenas na percepção dos participantes, que é directamente influenciada pelo impacto que as experiências de vida que os inquiridos tiveram e isso poder enviesar os dados. Ou seja, em estudos futuros devem ser reunidos mais pontos de vista, além dos próprios participantes para se poder confrontar as percepções dos próprios com as de outros participantes, tais como formadores e responsáveis de formação analisando o que isso significa e aumentando a validade dos dados.

Uma outra limitação que inevitavelmente influencia as anteriores, refere-se ao horizonte temporal de concretização da dissertação, que nos condiciona à realização de alguns aspectos em detrimento de outros, levando-nos a tomar decisões que para nós fazem sentido em função do objecto do estudo, mas que para outros se tornam inevitavelmente em fontes de questionamento.

Filion (2003), defende que a peça-chave para o desenvolvimento da sociedade e o instrumento mais adequado para a valorização dos recursos humanos, é o empreendedorismo, e recomenda que este seja incluído em todos os níveis do sistema educacional. Esperemos que assim aconteça!

Bibliografia

ADCROFT, A., Willis R. e Dhaliwal S. (2004), "Missing the point? Management education and entrepreneurship", *Management Decision*, Vol. 42 Iss: 3, pp 512-521.

ANSELM, M. (1993), "Entrepreneurship education in community college", *Proceedings of the 38 International Council for Small Business (ICSB)*, Las Vegas, N° 5, pp 177-92.

AUDRESTSCH, D.B. e Keilbach, M. (2004). "Entrepreneurship capital and economic performance". *Regional Studies*, 38/8, 949-959.

AZEVEDO, J. (2003). Rendimento escolar nas escolas secundárias e nas escolas profissionais: resultados de uma amostragem. *Revista portuguesa de de Investigação educacional*. 2 pp. 5-32.

BANDURA, A. (1977). Self-Efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84(2), 191-215.

BARON, R. & Shane, S. (2008). *Entrepreneurship: A Process Perspective*. Second Edition. Mason: Thomson South-Western.

BAUM, R. e Locke, E. (2004). The relationship of entrepreneurial traits, skills and motivation to subsequent venture growth. *Journal of applied psychology*. Vol. 4, N. 89, pp. 587-598.

BENAVIDES ESPINOSA, M. D. M. & GARCIA, I. S. El estudiante universitario como emprendedor: un análisis cualitativo desde la perspectiva de los diferentes agentes implicados. 2004. Disponível em: <<http://www.uv.es/motiva/libromotiva/24BenavidesSanchez.pdf>>. Acesso em: 14 Fevereiro 2014.

BYGRAVE, W. D. (1993), "Theory Building in the Entrepreneurship Paradigm", *Journal of Business Venturing*, vol.8, no.3, p.255-280.

CARDIM, J. (1998). *Práticas de Formação Profissional*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

CASTEL, Robert (1995), *Les Métamorphoses de la Question Social - Un Chroniq du Salarit*, Paris: Fayard.

CHATEAU, J. (1980). *Os Grandes Pedagogos*. Coleção Vida e Cultura. Lisboa: Edição Livros do Brasil.

CHIAVENATO, I. (2009). *Recursos Humanos*. Brasil: Atlas Editora.

COM- Comissão das Comunidades Europeias (2006) Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões sob o título Aplicar o Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem. Bruxelas: COM (2006) 33 final, de 13 de Fevereiro.

CONNELL, D. (1999), "Collective entrepreneurship: in search of meaning", acedido a 5 de maio de 2014.

CURRAN, J. e Stanworth J. (1989), "Education and Training for Enterprise: Problems of Classification, Evaluation, Policy and Research", *International Small Business Journal*, Vol. 7 N° 2, pp 11-22.

DALMORO, M., (2008). Empreendedorismo internacional: convergência entre o processo de internacionalização da empresa e a atividade empreendedora. Programa de Pós-Graduação, em Administração, Universidade Federal de Santa Maria.

DOLABELA, F; (1999) *Oficina do Empreendedor* (Cultura, São Paulo)

DORNELAS, J.C.A; (2001). *Empreendedorismo - Transformando Ideias em Negócios* (Campus Rio de Janeiro)

DRUCKER, P. F. (1985). *Innovation and entrepreneurship. practice and pinciples* (1a Edição). New York: Harper & Row.

ESPINHANÇO, F. (1996) A formação profissional no Ensino Recorrente de Adultos e na Educação Extra Escolar. *Actas das Jornadas de Educação de Adultos em Portugal: Situação e Perspectivas*, Coimbra, Comissão Organizadora.

ESTÊVÃO, C. (2001). Formação, gestão, trabalho e cidadania: Contributos para uma sociologia crítica da formação (versão on line). *Educação & Sociedade*, nº 77,

FARIA, Sandra Micaela Costa Dias, (2006), *Determinantes da propensão para o empreendedorismo: uma análise comparada das realidades europeia e americana*, Proposta de Doutoramento em Economia e Gestão, Universidade dos Açores.

FILION, L. J. (1999), *Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios*, *Revista de Administração*, vol..34, nº. 2, pp. 05-28. Acedido a 17 de maio de 2011, em http://www.dge.ubi.pt/msilva/OE_OGE/Empreendedorimo.pdf

FILION, Louis Jacques (2003), *Mapa rodoviário para um Quebec empresarial: Um roteiro para desenvolver o empreendedorismo*. http://www.oei.es/etp/roteiro_desenvolver_empreendedorismo_filion.pdf acedido em 30 de maio de 2014.

FINGER, M., Asún, J. (2001). *Adult Education at the Crossroads: Learning Our Way Out*. London: ZedBooks.

FISCHER, A., Nodari, T.M.S., e Feger, J. E., (2008). Empreendedorismo: algumas reflexões quanto às características. *Race, Unoesc*. Vol. 7, N. 1, pp. 39-52.

GEM (2012), *The global Entrepreneurship Monitor - Projecto GEM Portugal 2012*

GREBEL T., Pyka A. e Hanusch H. (2003). "An evolutionary approach to the theory of entrepreneurship". *Industry and Innovation*, 10/4, 493-514.

GROZILER, Anne-Marrie (1998), *Pour en Finir avec la Fin du Travail: Les Éditions Ouvrières*.

HANSEMARK, O. (1998) "The effects of an entrepreneurship programme on need for achievement and locus of control of reinforcement", *International Journal of Entrepreneurial Behavior and Research*, Vol. 4, No. 1, pp.28-50.

HISRISCH, R.D., M.P. Peters, D.A. Shepherd (2005), *Entrepreneurship*, 6th edition, New York, McGraw-Hill Irwin <http://www.sbaer.uca.edu/Research/1998/ICSB/k004.htm>

IOSCHPE, G.; (2004). *A ignorância custa um mundo. O valor da educação no desenvolvimento do Brasil*. S.Paulo: Francis, 2004.

KARLAN, D., Valdivia, M., 2006. *Teaching entrepreneurship: impact of business training on microfinance clients and institutions*. Working paper.

KIZNER, I. M. (1973). *Competition and entrepreneurship*. The University of Chicago Press.

KOVÁCS, I. et al., (2006), *Flexibilidade e crise de emprego: Tendências e Controvérsias*, SOCIUS Working Paper, 8, 1-78. Acedido a 14 de Fevereiro de 2014, em <http://pascal.iseg.utl.pt/socius/publicacoes/wp/wp200608.pdf>.

KRUEGER, N. F. Jr., Reilly, M.D. & Carsrud, A.L. (2000) *Competing models of entrepreneurial*. *Journal of Business Venturing*, 15 (4/5/), 441-432.

KURATKO, D.F. (2003), "Entrepreneurship Education: Emerging Trends and Challenges for the 21st Century", *Proceedings of the 17th United States Association of Small Business & Entrepreneurship Conference*, Hilton Head Island, pp 3-20.

LAKATOS e MARCONI (1999) *Sociologia Geral*. São Paulo, 7ª Editora Atlas.

LEITE, A., & OLIVEIRA, F. (2007). *Empreendedorismo e novas tendências*. Estudo Edit Value Empresa Júnio 5.

LERNER, E HABER (2001): "Performance factors of small tourism ventures: The interface of tourism, entrepreneurship and the environment," *Journal of Business Venturing*.

LIÑÁN, F., CHEN, Y-W. (2009) *Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions*. *Entrepreneurship Theory and Practice*, Baylor University.

MATLAY, H. (2005), "Researching entrepreneurship and education: Part 1: what is entrepreneurship and does it matter?", *Education and Training*, Vol. 47 Iss: 8, pp 665-677.

MÉDA, Dominique (1999), *O Trabalho - Um valor em Vias de Extinção*, Lisboa: Editora Fim de Século.

MÉDA, Domonique (2001) “ New perspectives on work as value” in Loutfi, Martha F. (ed.), *Women, Gender and work - whar is Equality and How do we get there?*, Gêneve, Ilo, pp:21-32.

MORAIS, et. al., (2010), A precariedade e os confrontos subjectivos com o emprego precário entre os diplomados de uma faculdade de ciências sociais e humanas, in Ana Paula Marques e Mariana Gaio Alves (coord.), *Inserção Profissional de Graduados em Portugal: (Re) Configurações Teóricas e Empíricas*, Edições Húmus, pp.233- 258.

MUNIZ, C. N. (2008). *Atitude empreendedora e suas dimensões: um estudo em micro e pequenas empresas*, Pós - Graduação em Administração. Universidade de Brasília.

NAIA, A. (2009). *Importância da formação inicial no empreendedorismo : estudo do percurso empreendedor de licenciados da FMH*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

NECK, H. M. Greene, P. G. (2011) *Entrepreneurship education: Known worlds and news frontiers*. *Journal of small Business Management*, 49, pp: 55-70.

NIXDORFF, J. & SOLOMON, G. *Role of opportunity recognition in teaching entrepreneurship*. *Proceedings of the 2005 50th World Conference of ICSB*. Crystal Gateway Marriott - Washington, DC - 15-18 June 2005. <http://www.usasbe.org>.

RAPOSO M. e PAÇO, A. (2011). *Entrepreneurship education: Relationship between education and entrepreneurial activity*, University of Beira Interior, *Psicothema* 2011. Vol. 23, nº 3, pp. 453-457.

Redford, D. T. (2008). *The state of entrepreneurship education in Portugal. An empirical study on a nascent system in the European Union policy framework*, Doctor in Philosophy in Management, Strategy and Entrepreneurship. Lisboa: Portugal: ISCTE Business School.

SARKAR S. (2007). “ Empreendedorismo e Inovação ”. Escolar Editora.

SILVA, M.A. Correia, M.F., Scholten, M., & Gomes, L. F. (2008) *Cultura Nacional e Orientação Empreendedora: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal*. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 14 (1), pp 65-84.

SOUZA, Adriano Mohn, (2006) *Jovens e educação empreendedora: Que discurso é esse ?*, Tese de Mestrado, Universidade Católica de Goiás.

THOMPSON, E. R. *Individual Entrepreneurial Intent: Construct Clarification and Development of an Internationally Reliable Metric*, *Entrepreneurship Theory and Practice*, May, 2009.

TRIGO, Virgínia (2003). “Entre o Estado e o Mercado: Empreendedorismo e a Condição do Empresário na China”, Editora: Ad Litteram.

VAN DER SLUIS, J., VAN PRAAG, C.M., 2007. Returns to Education for Entrepreneurs and Employees: Identification by Means of Changes in Compulsory

VAN DER SLUIS, J., Van Praag, M., Van Witteloostuijn, A., 2006. Why are the returns to education higher for entrepreneurs than for employees?. University of Amsterdam, Amsterdam, the Netherlands Working paper.

VERHEUL, I., Wennekers, S., Audretsch, D., Thurik, R., 2001. An eclectic theory of entrepreneurship. Discussion Paper T12001-030/3. Tinbergen Institute, Amsterdam.

VIRTANEN, M. (1997), The role of different theories in explaining entrepreneurship, Helsinki School of Economics and Business Administration, Small Business Center. Acedido a 7 de setembro de 2011, em <http://usasbe.org/knowledge/.../USASBE1997proceedings-P109Virtanen.PDF>.

WENNEKERS, S. e Thurik, R. (1999). “Linking entrepreneurship and economic growth”. Small Business Economics, 13, 27-55.

Anexo

Questionário de Intenções Empreendedoras

Este questionário é aplicado no âmbito do mestrado “ Empreendedorismo e Criação de Empresas”, esta investigação pretende estudar intenções empreendedoras de indivíduos que frequentam um curso de formação profissional.

Por favor responda sempre de forma sincera, assinalando **apenas uma resposta** a cada questão.

Muito obrigada pela sua colaboração

Questionário

Dados Pessoais

a) Idade: _____

b) Género: Masculino Feminino

Formação e experiência

1. Considerando todas as vantagens e inconvenientes (económicos, satisfação pessoal, reconhecimento social, segurança laboral, etc.), indique o seu nível de Atracção por cada uma das seguintes opções profissionais, desde 1 (atracção baixa) a 7 (atracção alta).

	1	2	3	4	5	6	7
a) Empregado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Empresário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. Indique o seu nível de concordância com as seguintes afirmações sobre a Valorização Social do empreendedor, desde 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

	1	2	3	4	5	6	7
a) A minha família directa valoriza mais a actividade empreendedora do que outras actividades e carreiras.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) A cultura do meu país é muito favorável à actividade empreendedora.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) O papel do empreendedor na economia é pouco reconhecido no meu país.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Os meus amigos valorizam mais a actividade empreendedora do que outras actividades e carreiras.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) A maioria das pessoas do meu país considera pouco aceitável ser empreendedor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) No meu país considera-se que a actividade empreendedora vale a pena, apesar dos riscos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Os meus colegas valorizam mais a actividade empreendedora do que outras actividades e carreiras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) No meu país é comum pensar que os empreendedores se aproveitam dos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. Considera que apresenta um nível suficiente nas seguintes Capacidades\Competências Específicas para ser empreendedor? Indique de 1 (nenhuma capacidade) a 7 (alta capacidade).

- a) Reconhecimento de oportunidades
 b) Criatividade
 c) Resolução de problemas
 d) Liderança e capacidade de comunicação
 e) Desenvolvimento de novos produtos e serviços
 f) Estabelecimento de relações e contactos profissionais

1	2	3	4	5	6	7
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. Alguma vez considerou seriamente a hipótese de tornar-se empreendedor?

Sim Não

Conhecimento Empreendedor

5. Conhece pessoalmente um ou mais empreendedores? Sim Não

Em caso afirmativo, indique qual é a sua relação com eles, classificando as seguintes questões desde 1 (nada) a 7 (totalmente).

- Familiar
 - Em que medida conhece a sua actividade como empreendedor?
 - Em que medida se pode considerar um “bom empreendedor”?
- Amigo
 - Em que medida conhece a sua actividade como empreendedor?
 - Em que medida se pode considerar um “bom empreendedor”?
- Dono da empresa onde trabalha
 - Em que medida conhece a sua actividade como empreendedor?
 - Em que medida pode se considerar um “bom empreendedor”?
- Outro? Qual?
 - Em que medida conhece a sua actividade como empreendedor?
 - Em que medida pode considerar-se um “bom empreendedor”?

1	2	3	4	5	6	7
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. Pensando em si próprio, até que ponto é verdade que:

Indique, por favor, o seu nível de concordância com cada uma das seguintes afirmações:

Escala de resposta:

1= discorda muito.

2= discorda.

3= nem discorda, nem concorda.

4= concorda.

5= concorda muito

- a)Pensa frequentemente tornar-se empreendedor.
 b)Gostava de se ver empreendedor.
 c)Tornar-se um empreendedor é uma parte importante de quem é.
 d)Quando pensa nisso, o termo ajustar-se-lhe-ia bastante bem.
 e)Está a pensar em tornar-se um empreendedor.
 f)É importante para si expressar as suas aspirações empreendedoras.

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. Pensando em si próprio, até que ponto é verdade que:

- 1 = completamente falso.
- 2 = falso.
- 3 = em certa medida é falso.
- 4 = nem falso, nem verdadeiro.
- 5 = em certa medida é verdadeiro.
- 6 = verdadeiro.
- 7 = muito verdadeiro.

	1	2	3	4	5	6	7
a) Nunca procura oportunidade para criar um negócio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Está a poupar dinheiro para começar um novo projecto empresarial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Não lê livros sobre como implementar um novo projecto empresarial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Não tem planos para criar o seu próprio projecto empresarial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Despende tempo a aprender sobre como criar um novo projecto empresarial	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Não tem imaginação para novos produtos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Tem facilidade em identificar necessidades de novos produtos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) Gostaria de gerir uma empresa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i) Gostaria de criar algo novo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
j) Tem intenção de criar um novo projecto empresarial no futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Porquê? (responda p.f. independente da resposta dada na alínea (j)).

8. Indique, por favor, quais as unidades curriculares que já frequentou, ou frequenta presentemente, que abordem os temas do empreendedorismo, da criação de novas empresas.

Designação das Unidades de Formação

9. Indique qual é o seu grau de conhecimento sobre associações, organismos e medidas de apoio à actividade empreendedora, desde 1 (desconhecimento absoluto) a 7 (conhecimento total).

	1	2	3	4	5	6	7
- Associações (AEP, ANJE, AIP, COTEC, outras)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Organismos (IEFP, ICEP, IAPMEI, entre outros.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Medidas de formação específica para jovens empreendedores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Empréstimos em condições especialmente favoráveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Apoio técnico para iniciar o negócio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Centros/incubadoras de empresas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

